

de janeiro de 1914, em Senador Pompeu, de onde veio para Fortaleza e, no Liceu, terminou o curso de humanidades. Ingressou na Faculdade de Direito do Ceará, bacharelando-se em 1946. Um dos integrantes do Grupo Clã, em cuja revista se acham diversos dos seus trabalhos. Em 1948, publicou o seu primeiro livro de contos — *Vidas Marginais*, com justiça muito elogiado pelos críticos nacionais. Depois, saiu *Portas Fechadas* (1957), outro volume de contos, que veio confirmar as pujantes qualidades de novelista do escritor. As histórias de Moreira Campos inspiram-se sempre na paisagem física e humana do Ceará: são flagrantes do nosso homem do campo ou da cidade, dramas do cotidiano, dos quais procura aproveitar mais o fundo psicológico. O próprio autor faz questão de dizer que, apesar de os seus contos não mencionarem, pelo nome, localidades nossas, ruas ou praças de Fortaleza, eles são tipicamente cearenses, ou nordestinos, pelo diálogo e pelos costumes. Certas situações, fora desse meio, talvez não tivessem maior sentido. Esse comportamento, contudo, não tira às suas produções literárias o conteúdo de universalidade, que encerram. Destacam-se elas pela força do estilo, pela vivacidade dos entrecchos e pelo próprio drama que engendram. Herman Lima, pondo-o ao lado de Eduardo Campos, afirma serem ambos duas integrais vocações de contistas modernos. Considerado pela crítica nacional um dos maiores contistas brasileiros. Participa de inúmeras antologias de contos, nacionais, estrangeiras, traduzido em Inglês, Italiano, Alemão e Hebraico. É autor, ainda, de: *As Vozes do Morto*, 1963; *O Puxador de Terço*, 1969, e *Contos Escolhidos*, 1971, 2ª ed. 1974.

33

PATRONO

RODOLFO Marcos TEÓFILO. Na biografia que, em forma de prefácio, abre o seu livro *Seca de 1915*, não se pode afirmar se de sua autoria mas, de qualquer modo, por ele adotada, acha-se escrito: "Rodolfo Marcos Teófilo, filho legítimo do Dr.



Manuel Eduardo Pinheiro Campos
(1965 - 1974)



Marcos José Teófilo, médico, e D. Antônia Josefina Sarmiento Teófilo, nasceu no Ceará, no dia 6 de maio de 1853. Batizou-se no dia 1º de outubro do mesmo ano, na Igreja do Rosário, em Fortaleza”. Dizendo-se assim nascido no Ceará, pretendeu o escritor matar, duma vez por todas, a informação de que viera ao mundo na cidade do Salvador, Bahia, o que, de fato, só eventualmente aconteceu. “Sou cearense porque quero” — costumava dar como resposta aos que lhe indagavam de sua naturalidade. E, efetivamente, ninguém — ninguém! — foi mais amante da terra cearense: por pensamentos, palavras e obras. Apesar de filho de médico e desejar ser qual o pai, não o conseguiu. Chegou a matricular-se na Faculdade de Medicina da Bahia, porém viu-se forçado a interromper o curso, voltando para o Ceará, onde montou farmácia e nesse ramo de atividade ganhou os primeiros proventos e, mais que isto, bastante experiência para os seus futuros misteres das lutas e campanhas que encetou, pessoalmente e filantropicamente, no combate às doenças, de maneira especial a varíola, que dizimava as populações flageladas pelas secas. Escreveu o seu nome, indelevelmente, no quadro dos pioneiros do sanitarismo no Brasil, assim reconhecido pelo Congresso Nacional, que lhe outorgou o título honroso de — Varão Benemérito da Pátria. Foi o contato diuturno e afanoso com aquelas populações miseráveis que lhe forneceu os motivos para as suas obras de ficção, na realidade notáveis pelo acerto das suas descrições e pela veracidade de suas personagens. Romancista, contista, poeta, tudo isso ele foi do modo mais legítimo. E também naturalista, historiador e político. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e ao Instituto do Ceará. A sua bibliografia é alentada e variada nos temas. São seus romances: *A Fome*, 1890; *Os Brilhantes*, 1895; *Maria Rita*, 1897; *Violação* (novela), 1899, e o *Paroara*, 1899 — todos da corrente literária sertanista, e *Reino do Kiato*, 1922. Os seus versos acham-se enfeixados em *Lira Rústica*, 1913, e *Telesias*, idem — ambos de poesia, sem preciosismo, de feição popular, algo à Juvenal Galeno. De história: *Secas do Ceará — Segunda Metade do Século XIX*, 1901; *História da Seca do Ceará* (1877-1880), 1922; *Seca de 1915*, idem; *Seca*